



Carta de Natal 2015 do Abade Geral OCist

Misericordiosos como o Pai

Roma, 8 de dezembro de 2015
Solenidade da Imaculada

Caríssimos!

Vos escrevo esta carta de Natal, justo quando inicia o Jubileu da Misericórdia, e estou unido a cada um de vós, e convosco ao Papa e a Igreja inteira, no desejo de viver intensamente este "ano de graça do Senhor" (Lc 4,19).

Experiência da graça na unidade

São Bernardo escreve em um Sermão: "Todos nós nos queixamos que nos falta a graça; mas seria mais correto, que a graça se queixe que nós faltamos à ela" (*De diversis*, 17,1). Sim, muitas vezes falta-nos a graça porque não a acolhemos, não nos deixamos ser preenchidos por ela. E tratamos a graça como um tesouro que Deus guarda possessivamente e doa apenas em conta gotas, se o merecemos. Na Bíblia, porém, a graça coincide com a misericórdia, e em Cristo nos foi revelado e demonstrado que o desejo de Deus, é aquele de derramá-la sobre nós como "rios de água viva", no dom do Espírito Santo (cfr. Jo 7,38 -39).

Repenso, com gratidão sempre viva, a experiência que com todos os superiores da Ordem, fizemos durante o último Capítulo Geral. Percebemos em nós e entre nós uma unidade e um desejo de comunhão, que excedia as nossas capacidades e as nossas intenções. Entendo que se o Senhor tornou possível uma tal experiência naqueles dias e naquela ocasião, é porque deseja continuar esta obra de graça entre nós e através de nós. Agora somos responsáveis de não faltar a esta graça, para deixá-la correr em toda a nossa Ordem e para todas as pessoas e situações que Deus nos confia.

Mas, para não viver este sentimento e esta responsabilidade de maneira vaga, é bom nos perguntarmos: em que maneira, durante o Capítulo, percebemos viver um momento especial de graça? O que realmente nos surpreendeu e alegrou naqueles dias? Certamente, não a situação sempre mais frágil e precária da maioria de nossas comunidades, confrontadas com dificuldades cada vez mais pesadas. Creio que aquilo que realmente surpreendeu e alegrou os membros do Capítulo Geral foi precisamente a graça da unidade. Fizemos experiência de uma comunhão fraterna mais profunda que as nossas diferenças e maior que os nossos esforços. Sentíamos a presença do Senhor em nosso meio que nos doava o seu Espírito, a sua caridade, a sua misericórdia. E esta experiência nos dava alegria, paz e vigor para continuar com confiança e juntos o caminho.

O carisma é a comunhão

Muitas vezes reduzimos a compreensão do carisma de uma família religiosa aquilo que se faz ou deveria fazer, ou a maneira com a qual se vive ou se deveria viver. Também se pensa ao carisma como a uma graça recebida e bem vivida só no passado, de quem nos precedeu, pelos fundadores e pelos santos, e nos sentimos indignos de padres tão perfeitos. Talvez seria mais útil e fecundo se compreendêssemos o carisma da nossa vocação como uma unidade, isto é, como um lugar de comunhão fraterna, na qual Deus nos chama a pertencer. O carisma é a "grande família", a comunidade de pessoas, a qual somos confiados pelo Espírito Santo para seguir Jesus Cristo. Somos, então, fiéis ao nosso carisma, se formos fiéis à unidade entre nós em Cristo, uma unidade que é graça do Espírito. Nisto, cada família reflete e encarna o mistério da Igreja: "A multidão dos fiéis tinham um só coração e uma só alma" (At 4,32).

Então, compreendemos que aquilo que nos foi pedido para continuar e difundir a experiência do Capítulo Geral é, antes de tudo, a fidelidade à unidade entre nós que Deus nos doa e nos pede.

Este compromisso prioritário, não nos fecha em nós mesmos. Vejo, de fato, que as comunidades que são mais unidas, não só formalmente, na superfície, mas na comunhão em Cristo, são também as mais missionárias, as mais radiantes. Uma comunidade dividida, uma Ordem dividida, uma Igreja dividida, tornam-se mais opacas, menos luminosas, menos fecundas no servir e amar a humanidade. Nisto, se reflete, certamente, o infinito mistério da Trindade, na qual "vivemos, nos movemos e existimos" (At 17,28).

Não há unidade mais concentrada e, ao mesmo tempo, mais irradiante daquela das Três Pessoas divinas. Este mistério se reproduz em nós e entre nós, por graça. Acolher a graça da unidade, irradiante da caridade é o grande dever da nossa vocação cristã e monástica.

Por isso, que o Jubileu da Misericórdia, começa poucas semanas depois do Capítulo, é uma grande oportunidade que nos oferece a Igreja para aprofundar esta experiência. Cultivar a comunhão entre nós, nas comunidades e entre as comunidades, é o compromisso que nos foi pedido para não faltar à graça que Deus deseja espalhar em nós e através de nós.

A responsabilidade da reconciliação

A misericórdia de Deus, de fato, se reflete no mundo humano, justamente, através da unidade que cria entre as pessoas. A Divina Misericórdia brilha na reconciliação entre os homens. O pai da parábola que acolhe o filho perdido que retorna a ele, convoca imediatamente todos a partilhar a sua alegria de abraçar o filho, mas sobretudo não há paz até que o filho perdido e reencontrado, não se reconcilie com o irmão mais velho (cfr. Lc 15,22-24.28-32). Também o filho que se acreditava justo, deve entender que a sua fidelidade ao pai não é realizada até quando não se reconciliar com seu irmão. Não se é fiel a Deus se não é fiel à sua misericórdia. A nossa fidelidade é formal e triste, se não contempla o coração do Pai e não O segue até ao abraço com cada irmão, cada irmã com que Ele espera, procura, acolhe com amor infinito.

Todas as palavras e parábolas de Cristo, sobre a misericórdia de Deus, pedem a nós a responsabilidade da reconciliação, da unidade com nossos irmãos e irmãs que Ele ama, como nos ama. A reconciliação é, no fundo, a única exigência da misericórdia de Deus, o único "preço" da graça infinita do Pai.

"Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam", nos faz rezar Jesus na sua oração ao Pai (Mt 6,12).

"Servo mau, eu te perdoei toda a dívida porque me suplicaste. Não devias também tu compadecer-te de teu companheiro de serviço, como eu tive piedade de ti?" (Mt 18,32-33).

"Sede misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso" (Lc 6,36).

A misericórdia que perdoa a dívida do irmão é a grande responsabilidade do cristão, a grande responsabilidade para com o amor do Pai, manifestado no Filho morto e ressuscitado por nós, e no dom do Espírito Paráclito que purifica, renova e dá vida aos nossos corações de pecadores. Ser *misericordiosos como o Pai*, que é o grande tema do Jubileu, é no fundo, o único dever do cristão, única missão, única vocação, a qual, a nossa liberdade é chamada a dizer de sim a cada encontro, em cada circunstância. Todo o resto é consequência, todo o resto, não é que graça que flui e se irradia a partir desta fonte. Ser misericordioso com os outros, como Deus é conosco, significa simplesmente permitir à graça que nos é dada, de verter através de nós para os outros. E a graça, mais a transmitimos, mais a recebemos; mais sai de nós em direção aos irmãos, mais entra em nós pelo Pai.

A "porta santa" do mosteiro

Talvez, muitas vezes, esquecemos que o empenho fundamental que nos pede São Bento, para viver a nossa vocação é, justamente, a misericórdia que constantemente reconcilia os membros da comunidade. A Regra, de fato, inicia abrindo a porta do mosteiro ao filho pródigo que retorna a casa do Pai bom: "Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom pai, para que voltes, pelo labor da obediência, àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência". (RB Prol. 1-2)

Entrando no mosteiro, como entrando na Igreja com o batismo, nos encontramos na Casa do Pai, que nos acolhe de novo com alegria infinita, perdoando-nos tudo e restituindo-nos a graça de sermos filhos de Deus em Cristo, no Espírito Santo. Entrados nesta casa, nos reencontramos circundados por irmãos e irmãs que vivem a mesma experiência. Com eles, nos foi dado e pedido de fazer um caminho para tornar-se perfeitos na misericórdia como o Pai. Um caminho que às vezes é difícil, porque requer crescer na humildade que desarma, pouco a pouco, o nosso orgulho, a nossa sede de domínio, de afirmação de nós mesmos. A energia que alimenta este caminho é a esperança que tira sempre em Deus, a misericórdia pedida pela nossa miséria e aquela dos irmãos e irmãs.

Por isso, São Bento põe no auge dos instrumentos de santificação, que lista no capítulo 4 da Regra, a confiança, sem limites, na misericórdia: "Nunca desesperar da misericórdia de Deus" (RB 4,74). Pede-nos isto, imediatamente depois de pedir de "reconciliar-se (*in pacem redire*) antes do por do sol, com aquele com quem teve um desentendimento" (4,73). A confiança na misericórdia de Deus, alimenta a nossa misericórdia recíproca, por isso também à nossa capacidade de reconciliação, não devemos pôr limites, porque há na caridade de Deus uma fonte inesgotável.

Este é o empenho essencial de todo cristão, e em especial de cada monge e monja, na sua comunidade. Um empenho que é missionário, porque faz de nossas comunidades um sinal e um instrumento do milagre da reconciliação, o grande milagre que o Pai misericordioso anseia de realizar, hoje mais do que nunca, no mundo humano.

Não preferir nada à misericórdia

A esta luz, cada comunidade deve considerar seu modo de viver, de estar juntos, e os instrumentos que a Regra de São Bento e nossos padres e madres Cistecienses nos oferecem, para contemplar e viver a Divina Misericórdia. Gostaria que neste ano nos ajudássemos especialmente nisto. Um Ano jubilar é uma ocasião privilegiada para renovar a nossa concentração sobre aquilo que somos essencialmente consagrados na nossa vida e vocação, fazendo um pouco de "jejum" de tantas ocupações e preocupações que tomam muito lugar em nosso coração e no nosso tempo, àquilo que não é realmente essencial para nós, para nossas comunidades, mas também para a Igreja e para o mundo.

A verdadeira conversão consiste no concentrar-nos naquilo que nos salva realmente. O que nos salva, se não a misericórdia de Cristo, que nos reconcilia com o Pai, com os outros, com nós mesmos, com toda a criação, com toda a realidade? As comunidades e seus superiores são, muitas vezes, demais inquietos a resolver muitos problemas, certamente reais, mas não prioritários. Papa Francisco, com este Ano Santo, pede-nos de recolocar no centro de nossa atenção e nosso empenho de conversão e missionário, o acolhimento e o testemunho da misericórdia de Deus – "Misericordiosos como o Pai" – e isto nos chama ao coração da nossa vocação, ao coração do carisma de São Bento, São Bernardo, Santa Gertrudes, de todos os santos dos quais somos filhos e herdeiros. O Jubileu chama-nos ao coração da nossa vocação, e, portanto, à fonte da nossa verdadeira alegria, que não pode ser diferente da alegria do Pai, de perdoar e reunir todos os seus filhos.

Esta é a alegria do Natal, porque Jesus nasceu por isto, como por isto viveu, morreu e ressuscitou. Peçamos a Maria, "Mãe de Misericórdia", que todas as noites e, em toda parte, invocamos na *Salve Rainha*, esta alegria da reconciliação na Divina Misericórdia, entre nós e com todos, e seja este o nosso desejo natalício para todo o Ano Santo!

Vosso,



Ir. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist